
Os Mecanismos de Sujeição e a Corrosão do Estado em Dupla Identidade (2014)¹

Andrei MAUREY²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

É imprescindível para uma sociedade a compreensão da mídia de massa como uma fonte produtora de sentidos e a formação de cidadãos com plenas capacidades de reflexão crítica sobre seus conteúdos. Com isso em mente, este artigo visa elaborar uma discussão acerca da estratégia ideológica da *inversão*, com a qual a mídia apresenta os interesses particulares das classes dominantes sob uma máscara de interesses universais, e expor os mecanismos de sujeição que atuam na interpelação dos sujeitos para uma ordem social específica e os qualifica para os papéis que exercerão na sociedade. Através de uma análise qualitativa de conteúdo da série *Dupla Identidade* (2014), procurarei demonstrar como sua narrativa utiliza essa estratégia para disseminar os mecanismos de sujeição e promover a corrosão do Estado e de seus aparelhos.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; ideologia; Estado; televisão; ficções seriadas

1. INTRODUÇÃO

Não está ao meu alcance criar uma sociedade ideal. Contudo, está ao meu alcance descrever o que, na sociedade existente, não é ideal para nenhuma espécie de existência humana em sociedade (FERNANDES, 1976, p.10).

Abner é um humilde residente da cidade rural de Dogpatch³. Certo dia, enquanto fazia suas andanças pelas redondezas, entrou em uma pequena floresta e encontrou o rebanho de um animal bem estranho, o Shmoo. Encantado pela sua aparência esquisita, decidiu levar um bom punhado deles para criar em sua fazenda. Com o passar do tempo, ele percebeu que o desejo dos Shmoos é agradar os seres humanos, transformando-se em qualquer coisa material que estejam precisando. Por não conceberem a ideia de luxo, fornecem apenas as necessidades básicas da vida, ou seja, se alguém tem fome, um Shmoo pode rapidamente virar um prato de presunto com ovos, ou uma jarra de água gelada para quem tiver sede, mas jamais caviar ou champanhe. Além do mais, eles se multiplicam com tremenda velocidade, evitando qualquer forma de escassez. Muito contente, Abner logo compartilhou os Shmoos com todos os habitantes de sua pequena

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio, email: andreimaurey@gmail.com.

³ A estória pertence à série de quadrinhos *Li'l Abner* (CAPP, 1992), apresentada em Erik Olin Wright (2004). Sua exibição aqui teve a adição de elementos extras.

cidade e sem precisarem despende um longo tempo para produzir sua subsistência, os moradores passaram a fazer melhor uso de suas habilidades e capacidades, alçando ao patamar de uma vida plena e satisfatória.

Em outro canto do país, um empresário discutia com seu fiel gerente sobre um lugar nos Estados Unidos onde pudesse abrir sua nova fábrica e pagar um salário miserável aos trabalhadores. Descobriu que havia uma pequena cidade rural não muito longe, Dogpatch, cujos habitantes eram tão pobres que haveriam de aceitar trabalhar por qualquer valor, inclusive por quantas horas lhes fossem ordenadas. Empolgado com a possibilidade de expandir seus lucros a níveis exorbitantes, ele entrou em sua limusine e partiu para lá. Ao chegar, viu um dos moradores caminhando sossegado pela calçada e quando lhe ofereceu a proposta, o cidadão respondeu, educadamente, que poderia muito bem aceitá-la, se não fossem os Shmoos. Intrigado, ele resolveu seguir em frente. Mais adiante, uma moradora também recusou a oferta, referindo-se aos Shmoos como motivo principal. "Mas o que diabos é um Shmoos?", indagou ele. Eis que uma senhora se aproximou e explicou a situação: com os Shmoos ninguém era mais forçado a trabalhar para sobreviver. Os animais fazem tudo pelos seres humanos, tem-se comida e bebida à vontade e todos podem adquiri-los de graça!

O empresário entrou no carro e partiu para casa. "Comida para todos e de graça? Que desgraça!", exclamou, furioso. Dois quilômetros à frente, seu motorista parou o carro e pediu demissão, pois havia pegado um punhado de Shmoos de uma das fazendas e não precisaria mais se sujeitar a trabalhar por um salário tão indigno. O empresário teve de dirigir o próprio carro de volta. À noite, ele ligou para sua amante e ofereceu-a um belo jantar. Ela agradeceu e estava prestes a aceitar o convite, quando sua irmã lhe mostrou alguns Shmoos, adquiridos de amigos e parentes. Assim, sem a necessidade de prolongar a sua humilhação, ela bateu com força o telefone na cara do empresário e celebrou sua liberdade com uma ceia simples, porém bastante farta.

Nas semanas seguintes, o empresário deu início a uma campanha nacional contra os Shmoos e sua "terrível ameaça". A propaganda foi massiva e passou em todos os lugares. Não houve jornal, programa de rádio, televisão ou revista que tenha ficado de fora. A população, levada a crer que os animais prejudicavam a economia e instauravam um clima de caos e instabilidade política, posicionaram-se a favor da erradicação dos Shmoos. Aqueles que tentavam promover uma defesa dos animais foram rapidamente marginalizados, silenciados e perseguidos como inimigos dos interesses universais da

sociedade. O empresário comemorou com alegria a decisão e estava convicto de que ela era a melhor para todos; afinal, ele teria a nobre oportunidade de continuar oferecendo emprego aos desempregados e de voltar a girar as engrenagens de seus negócios, agora, totalmente desimpedido por quaisquer perigos.

A Alfabetização Midiática⁴ postula que é imprescindível para uma sociedade a compreensão da mídia de massa como uma fonte produtora de sentidos e a formação de cidadãos com plenas capacidades de reflexão crítica sobre seus conteúdos. Tendo em vista seu grau de onipresença e a marcante ocupação frente às demais instituições no dias atuais, é fundamental entender seu papel como parte integrante da superestrutura e sua função primária de reprodução social das estruturas de poder. Afinal, a leitura e a observação atenta de suas narrativas, além de permitir enxergar o que se encontra subjacente à aparência, contribui substantivamente para o enfrentamento das barreiras hegemônicas, impulsionando as audiências para uma melhor avaliação de seus produtos. Em meus estudos, uma questão tem se mostrado bastante válida para representar a importância de uma audiência crítica no mundo hoje: como um discurso anti-Estado, defensor da privatização das instituições públicas, da corrosão dos direitos trabalhistas, da redução dos programas federais de transferência de renda e da suspensão de práticas que permanecem providenciando bem-estar para os cidadãos mais necessitados, tornou-se tão evidente nos meios de comunicação?

A fim de providenciar algumas respostas, este artigo visa elaborar uma discussão acerca da estratégia ideológica da *inversão*, com a qual a mídia de massa apresenta os interesses particulares das classes dominantes sob uma máscara de interesses universais, garantindo a manutenção de seus privilégios e impulsionando o processo de reprodução social do capitalismo. Em seguida, à luz da teoria de Göran Therborn (1980), serão abordados os mecanismos de sujeição que atuam nos processos de interpelação dos sujeitos para uma ordem social específica e os qualifica para os diferentes papéis que exercerão na sociedade. Por último, através de uma análise qualitativa de conteúdo da série *Dupla Identidade* (2014), buscarei demonstrar como a sua narrativa utiliza essa estratégia para disseminar os mecanismos de sujeição e promover a corrosão do Estado e de seus aparelhos.

⁴ Para saber mais sobre Alfabetização Midiática, conferir Paxson (2010) e Turow (2020).

2. A Inversão dos Interesses e os Mecanismos de Sujeição e Obediência

A categoria teórica básica para a análise da comunicação e da cultura é a da ideologia. A análise deve concentrar-se sobre as condições de produção de uma modalidade específica de manifestação ideológica, e sobre o modo como essa produção se reflete nos seus produtos (Cohn, 1973, p.161).

Se retomarmos a estória de Abner e seus miraculosos Shmoos, um dos pontos mais intrigantes refere-se à propaganda conduzida pelo empresário a fim de destruir os animais mágicos. Então, como algo tão vivo, material, concreto e objetivo, cuja função é simplesmente melhorar a vida de todo mundo, pode ser transformado tão depressa em uma ameaça universal? Entre as possibilidades de resposta, esse capítulo busca discutir uma estratégia básica, sem a qual, indubitavelmente, essa condução da propaganda seria impossível. Em outras palavras, o empresário só poderia ser capaz de levar adiante sua campanha pela destruição dos Shmoos (e obter sucesso) se realizasse a *inversão* dos interesses, isto é, se conseguisse ocultar o fato de que seus interesses de capitalista são particulares e apresentá-los como interesses universais de toda a sociedade. E uma vez que os Shmoos são prejudiciais aos seus negócios, devem ser disseminados como uma ameaça a todos os cidadãos.

Para explicar esse fenômeno nem um pouco ficcional é necessário compreender a existência da profunda e antagônica perspectiva entre as classes na sociedade. Erik Olin Wright (2004) apóia-se em um egoísmo racional⁵ e na consideração pelo próprio bem-estar material de ambas as partes para ilustrar como seus interesses se apresentam perante uma suposta distribuição de Shmoos pela sociedade, enumerando-os por ordem de preferência. Para os capitalistas, a primeira opção é que só eles obtenham os Shmoos, visto que, obviamente, ficariam em uma situação melhor com eles do que sem eles. Sua segunda opção é pela sua destruição (se não podem obtê-los, é melhor que ninguém os tenha). A terceira é que ambas as classes obtenham os animais e a última, que apenas os trabalhadores adquiram posse sobre eles. Para a classe trabalhadora, sua primeira opção é que todos tenham os Shmoos, pois além de terem suas necessidades básicas atendidas, os capitalistas teriam mais fundos disponíveis para investimento, podendo aumentar os salários para atrair os trabalhadores que desejarem complementar os ganhos. A segunda

⁵ Ele organiza a ordem de preferência sem levar em conta os motivos altruístas ou rancorosos, partindo, portanto, de um egoísmo tipicamente observado na economia neoclássica (WRIGHT, 2004).

é que só os trabalhadores obtenham, a terceira que só os capitalistas os tenham e a sua alternativa menos preferida é que os Shmoos sejam destruídos (WRIGHT, 2004).

Note que a opção da classe trabalhadora por destruí-los vem em último lugar, afinal, até mesmo a posse deles apenas pelos capitalistas significa muitos custos básicos reduzidos e, portanto, uma melhoria substantiva nas relações e condições de trabalho. Em vista disso, a ordem nas escolhas de ambas as classes permite enxergar, através de formulações lógico-argumentativas, o que se apresenta no horizonte social omitido pela sua mera aparência: "esta é uma forma de entender a ideia marxista clássica de que a classe trabalhadora é a classe universal, [...] cujos interesses materiais específicos são equivalentes aos interesses da humanidade como tal" (WRIGHT, 2004, p.8).

Na vida real, infelizmente, os Shmoos não existem. Porém, essas práticas *anti-shmoosianas* podem ser detectadas pela imposição de estratégias e medidas políticas que visam deslocar camponeses e trabalhadores de suas terras férteis ou produções manufatureiras para recrutá-los como força de trabalho assalariada, como na África do Sul, durante o século XIX, que retirou os camponeses de suas plantações de subsistência e forçou-os a trabalhar nas minas em troca de salário para poderem arcar com os altos impostos criados para este fim (WRIGHT, 2004). A ideia-chave a ser retirada desse exemplo dos Shmoos, portanto, é a de que no capitalismo, a exploração e a privação da classe trabalhadora dos seus meios de subsistência e autonomia não são simplesmente um subproduto infeliz da busca pelo lucro, uma consequência inevitável; mas uma condição necessária para essa busca (WRIGHT, 2004). Assim, somente a constatação de que a mídia de massa opera essa inversão dos interesses não basta para exemplificar os elementos constitutivos de sua reprodução social e as estratégias que se encontram circunscritas às suas práticas. É preciso compreender como elas percorrem o horizonte social, orientando práticas políticas, reforçando certas visões de mundo e, sobretudo, legitimando um sistema que oblitera as chances de redução das desigualdades.

Nessa direção, Göran Therborn (1980), reconhece a ideologia como processos sociais inscritos em práticas materiais e apresenta uma questão que amplia a discussão althusseriana. Seus argumentos tiram o *locus* restrito de realização da ideologia dos Aparelhos Ideológicos de Estado, para posicioná-la em um patamar mais amplo, isto é, como o aspecto da condição humana através do qual os indivíduos vivem suas vidas como agentes conscientes em um mundo dotado de sentidos. Em suma, ideologia para o autor é o meio em que os eixos da consciência e da significância operam, tendo a ver

com o modo de operação na formação e transformação da subjetividade humana (THERBORN, 1980). Essa definição foca nas ações de *interpelação* dos sujeitos para uma ordem social específica e de *qualificação* para os vários papéis que exercerão na sociedade, perpassando três dinâmicas: a ideologia diz aos indivíduos *o que existe* e o que não existe, quem eles são, como o mundo é, como estão relacionados com ele, etc., fazendo com que adquiram sentidos de identidade e tornem-se conscientes do que é real e verdadeiro. Ela também diz *o que é certo* e errado, bom e ruim, justo e injusto, belo e feio, etc., determinando não somente as percepções sobre a legitimidade do poder, mas também as relações interpessoais, onde os desejos são estruturados e normalizados. Ela diz *o que é possível* e impossível, segundo as normas, padronizando o senso de mutabilidade onde os medos, as esperanças, os receios e as ambições são modelados (THERBORN, 1980).

Além disso, nota-se que as ideologias diferem, competem e se chocam não apenas no que dizem sobre o mundo à nossa volta, mas também em nos dizer quem somos e que tipo de sujeito interpelam⁶. Para melhor elucidá-las, ele lança um quadro onde podem ser vistos os processos econômicos, políticos e ideológicos que acarretam em sanções particulares denominadas de *mecanismos da sujeição*. Apesar de haver alta complexidade e variedade empírica em um relacionamento ideológico que fixa a sua população a um determinado regime, ele afirma ser possível uma delimitação de seus eixos principais com base nos efeitos de dominação e obediência que eles produzem, uma vez que eles se apresentam mais como uma ferramenta analítica, sem objetivos classificatórios. Com isso, ele parte de uma indagação: "existe uma alternativa possível melhor para o regime atual?", e a partir das possibilidades de resposta, ele desenvolve os seis modos de interpelação⁷.

A *acomodação* refere-se a um tipo de aquiescência em que a classe dominante é obedecida porque os dominados são organizados para considerar outras características do mundo como mais relevantes do que a subordinação e a possibilidade de um regime alternativo. Os aspectos da opressão e exploração são mantidos na sombra enquanto as oportunidades são constantemente iluminadas. Inclui a acomodação da oposição, mas

⁶ Como exemplo, ele sugere os diferentes papéis que podem ser atribuídos a um trabalhador, como o de membro da classe trabalhadora, membro do sindicato, amigo de seus companheiros de trabalho, fiel trabalhador de um bom empregador, cidadão de bem, comunista ou anti-comunista, católico, etc. (THERBORN, 1980).

⁷ Se sim, tem-se para o que existe, a *acomodação*; para o que é certo/bom, o *senso de representação*; e para o que é possível, o *medo*. Para o não, respectivamente, têm-se o *senso de inevitabilidade*, a *deferência* e a *resignação* (THERBORN, 1980).

jamais em grau suficiente que se permita a satisfação de suas demandas. O *senso de representação* ocorre quando a classe dominante é obedecida porque é vista como governando em prol dos dominados, representando algo bom e positivo. Os aspectos dessa representatividade podem ser baseados nas percepções acerca da semelhança ou pertencimento, fazendo com que dominantes e dominados se considerem parte do mesmo universo, ou no fato de os dominantes possuírem qualidades superiores as quais lhes permitem defender as necessidades dos dominados. O *medo* desempenha um papel definitivo nas democracias burguesas, pois se trata do efeito que gera aceitação pela obediência e pela vida. A morte não é a única punição pela desobediência, há também o medo pela retaliação de governos de extrema-direita ou o poder estatal no comando de uma esquerda implacável. Sendo assim, o medo sustenta que além das fronteiras da desobediência, o que se encontra é o nada, a não-existência, o caos, a escuridão, os sofrimentos, a morte (THERBORN, 1980).

O *senso de inevitabilidade* refere-se à obediência através da ignorância sobre as alternativas. A marginalização e a apatia política encerram uma massa de eleitores que se furtam do direito de voto e se retiram dos sistemas políticos, tidos como impossíveis de serem transpostos e/ou derrubados. A *deferência* faz com que a classe dominante seja concebida como um grupo cujas qualidades para reinar sobre os demais são de suprema natureza. Costuma ser sustentada pelo clientelismo ou por pequenos favores em troca da subserviência. Por último, há a *resignação* diante do pessimismo sobre as possibilidades de mudança, designando-se pela obediência nascida de concepções que apontam para a impossibilidade prática de alternativas melhores. Ela adquire uma imensa força através dos argumentos que constantemente reproduzem as oposições como fracas, divididas, incompetentes, instáveis, pouco numerosas, etc. e que uma sociedade alternativa jamais conseguiria se sustentar democrática, econômica e militarmente (THERBORN, 1980).

Em suma, é importante sublinhar que seu esquema de dominação ideológica não significa que seja garantida apenas por esses mecanismos de sujeição. Há outros fatores a serem considerados. No entanto, pela junção dos elementos discutidos até o momento, julgo ser possível a compreensão dos motivos pela disseminação desses mecanismos e porquê eles estão alinhados ao substrato ideológico. As garantias de mais privilégios e a inversão dos interesses particulares em universais, ao mesmo tempo em que asseguram o domínio das classes dominantes, ajudam a providenciar explicações que acarretam na sujeição e na obediência dos dominados. Por último, a discussão serviu para iluminar

como esses processos formaram o pano de fundo responsável por facilitar amplamente o trabalho do empresário na condução de sua propaganda destruidora dos Shmoos.

3. Dupla Identidade (2014): A Corrosão em Série do Estado

O valor da igualdade não significa que em uma sociedade justa todas as pessoas realmente vivam vidas igualmente prósperas. Em vez disso, a ideia é que todas as pessoas tenham igual *acesso* aos meios sociais e materiais necessários para uma vida próspera. Em uma sociedade justa, ninguém que deixa de prosperar pode reclamar que as instituições sociais e estruturas sociais em que vivem impediram seu acesso às condições materiais e sociais necessárias para prosperar (WRIGHT, 2019, p.19).

A série *Dupla Identidade* (2014), drama policial, foi produzida e exibida pela emissora Rede Globo, de 19 de Setembro a 19 de Dezembro de 2014. A primeira temporada conta com treze episódios escritos por Glória Perez e direção geral de René Sampaio e Mauro Mendonça Filho. Para construir sua estória, a autora se baseou nas conversas com psiquiatras e especialistas em perfis psicológicos⁸. As atuações de Bruno Gagliasso e de Débora Falabella são impecáveis. A série foi bem-sucedida ao expor, do lado dele, o descaso e a indiferença de um psicopata perante uma relação vazia; e dela, as expectativas frustradas de uma mulher sensível e frágil, que se vê namorando um assassino. Essa performance de alta qualidade nas situações vivenciadas por ambos fica evidente diante dos prêmios conquistados pela dupla. A trilha sonora completa o quadro ao introduzir músicas do Sepultura para nos aproximar da mente do personagem e nos ajudar a "revelar a verdadeira alma de cada um"⁹.

Quanto à parte técnica, a série apresenta uma boa direção, um departamento de arte afiado e uma fotografia instigante. A imagem típica do Rio de Janeiro, de sol, calor e praias é posta de lado para nos apresentar uma cidade sombria e soturna, o cenário perfeito para a macabra realidade onde a trama será desencadeada. A frieza¹⁰ com que Edu conduz seus crimes transborda pelas cenas, invadindo o psicológico e congelando as emoções tanto dos demais personagens quanto dos telespectadores. Por isso não há momentos de alegria, de prazeres leves e de sorrisos, apenas o mal-estar e o sofrimento de uma caçada a um homem implacável e doente que deixa um rastro de dor e agonia

⁸ Disponível em: <https://glo.bo/3786gzq>

⁹ Disponível em: <https://glo.bo/3fjr6zJ>

¹⁰ Theodore Robert Bundy, o Ted Bundy, notório *serial killer* norte-americano que confessou trinta homicídios de 1974 a 1978, serviu para a montagem do personagem psicopata de Bruno Gagliasso.

pelo caminho. Como uma reprodução fiel desse gênero tão aclamado, a série adicionou temperos brasileiros e entregou uma obra com boas emoções. No entanto, passada essa etapa inicial de observação passiva, o aprofundamento analítico detectou uma grande quantidade de cenas inverossímeis, impertinentes e confusas, ora resolvidas às pressas e de modo leviano, ora deixadas de lado, caindo no errôneo esquecimento de personagens e objetos-chave¹¹. Seja pela experiência da autora em telenovelas (onde há incessantes exposições), seja pela dificuldade do gênero, os diálogos são recheados de explicações desnecessárias ou absurdas, tornando seu desenvolvimento dramático bastante artificial. Ademais, os personagens, de maneira geral, parecem tomar conhecimento do universo narrativo à sua volta ao mesmo tempo em que entram no espaço diegético pela primeira vez, quando suas ações deveriam ser condizentes com as relações prévias construídas para eles.

Seu enquadramento crítico parte, obviamente, de uma base concreta frente à realidade do país. Entretanto, é válido lembrar que a série foi ao ar durante o período eleitoral de 2014, motivada pelos fortes ventos das manifestações de 2013. Naquele período, a nação se viu diante de uma extrema polarização, da qual germinaram frutos abjetos de uma visão política mesquinha e de grave falência moral e cognitiva. Logo, é senso comum que o Brasil enfrenta incontáveis problemas políticos, mas as ações e situações dramáticas desencadeadas ao longo dos capítulos não parecem ser conduzidas por uma sobriedade crítica. Longe disso, retratado negativamente como uma instituição "rancheira", criadora de Shmoos sociais, o Estado e seus aparelhos estão quebrados, transmitindo a sensação de que não se pode tentar mudar aquilo que não tem conserto e que a única saída seria destruí-lo. Sendo assim, separei exemplos para discutir como sua narrativa utiliza a estratégia da inversão e como suas formas simbólicas ativam certos mecanismos de sujeição para reforçar quadros imagéticos que legitimam e naturalizam visões perniciosas acerca da atividade policial, da classe política e do sistema jurídico. O resultado é uma pintura desanimadora, de profundo pessimismo quanto ao Estado e suas condutas burocráticas, jurídicas e políticas.

Inicialmente, nota-se que Edu representa o ideal do *Self-made man*, isto é, o homem que conquista seu sucesso ou destaque por conta dos próprios esforços, o jovem dotado de qualidades e inteligência superior que desafia as normas impostas e atinge a

¹¹ Um exemplo de personagem-chave esquecido foi o amigo de Edu, Ivan (Igor Angelkorte), defenestrado por ele durante um coquetel. O objeto é o isqueiro de Edu, que será melhor abordado adiante.

vitória por mérito individual. Para funcionar como estandarte neoliberal¹², Edu precisa se apoiar na contraofensiva às pautas de esquerda presentes no país desde o início do século e reproduzir a ideia abstrusa de que se trata do "único sistema que funciona", reforçando o senso comum através de falsas obviedades e dos mecanismos de sujeição da acomodação, do senso de representação e da deferência. Por isso que, apesar de ser capturado no final, sua vitória se deve à sua bem-sucedida missão de corroer o Estado, fazendo-o parecer incapaz de atender aos problemas do país. Então, não chega a ser surpresa que seus adversários, tanto aqueles no percurso de sua glória individual na carreira política quanto os que desejam vê-lo atrás das grades, sejam retratados como incompetentes, desonestos e despreparados para lidar com a genialidade de um homem e seu ideal imbatível. Sem depender de ninguém, Edu consegue enfrentar, derrubar e corroer as pessoas e instituições que ousam invadir o seu caminho. Nada e ninguém pode pará-lo, ele está sempre dois passos à frente, traçando estratégias e antevendo as situações para anular os efeitos indesejados.

Em plena sintonia com seu discurso político, Edu representa também o novo¹³ como a força brutal de destruição do velho, algo que precisa aniquilar depressa o antigo, o tradicional, o conservadorismo arcaico. Isto fica evidente ao se constatar que todos os personagens de mais idade, sem exceção, são destruídos e/ou seduzidos pela mente brilhante, perspicaz e afiada de um jovem em rota de colisão com as estruturas, normas e valores ultrapassados da sociedade. O fato de Edu matar as suas vítimas não chega a danificar esse ideal, pois as ações que participam de sua ascensão profissional, social e política, tampouco ocorrem *por causa* ou *por consequência* dessas mortes, salvo pela defenestração de Ivan. Assim, pode-se separar Edu em seus dois poderosos arquétipos, seu *duplo viés ideológico*: o do herói que ativa determinados mecanismos de sujeição para disseminar um discurso político que julga restabelecer o equilíbrio das relações sociais através da urgente redução da influência estatal; e o do rebelde, cuja construção

¹² Neste artigo, considero o neoliberalismo como "uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido pela liberação das liberdades e habilidades empresariais individuais dentro de uma estrutura institucional caracterizada por fortes direitos de propriedade privada, mercados livres e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar um quadro institucional adequado a tais práticas. O Estado tem que garantir, por exemplo, a qualidade e integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, policiais e jurídicas necessárias para garantir os direitos de propriedade privada e garantir, pela força, se necessário, o bom funcionamento dos mercados" (HARVEY, 2007, p.2)

¹³ Outros exemplos ajudam a completar essa ideia: Ivan, seu amigo de faculdade, investiga o caso da documentação e é o único que descobre que Edu é o culpado; o filho do senador, Otto Veiga Junior (Bernardo Mendes), é um garoto lúcido, muito mais maduro e racional que o pai, percebendo logo suas falhas em relação ao Edu; a filha do delegado, Tatiana, embora seja seduzida por Edu e fique cega diante de suas ações criminosas, é esperta a ponto de enganar o pai e a mãe em mais de uma oportunidade.

envolveu um conjunto de qualidades para despejar seus raios corrosivos nas estruturas antiquadas e se auto-evidenciar como nova força política. Será possível observar com nitidez a ação de ambos em meio às suas relações com a força policial, o senador e em seu posterior julgamento.

O grupo de investigação da polícia é um verdadeiro abatedouro de Shmoos. O delegado Dias, construído para ocupar uma posição de liderança em uma equipe "elite" (segundo suas palavras), se apresenta como um homem perdido, inseguro, despreparado para a função. Sua relação com Vera é de desprezo pelo seu conhecimento adquirido no FBI, um sentimento que extravasa e contagia os demais membros do grupo¹⁴. Diante de uma série de assassinatos dos quais sua equipe não possui nenhuma pista, a presença dela, apontada diretamente pelo governador para o cargo, em vez de celebrada e bem-vinda, é tratada como um empecilho. Além disso, quando as primeiras provas começam a surgir, três eventos, ocorridos em um intervalo de poucos dias, evidenciam o quadro caótico de anti-profissionalismo e incompetência que ronda a delegacia¹⁵. Ao observá-los em conjunto, chega a causar espanto que o delegado Dias não perceba o que está à sua frente, que nenhuma suspeita foi levantada e absolutamente nada foi feito diante das informações. Tão logo Edu lhe mostrou um B.O sobre um falso assalto em que levaram seus documentos e o isqueiro, o delegado não mais considerou o objeto uma prova válida e digna de investigação. E, ainda por cima, a mando do senador, aceitou-o como integrante de sua equipe.

A falta de visão e a inépcia de Dias e dos outros policiais não se encerram por aí: quando Ray denuncia seu namorado como o assassino, eles são incapazes de voltar a considerar as provas anteriores e estabelecer uma conexão; quando eles encontram um pedaço do bastão de beisebol sujo de sangue na casa de Edu, Dias o leva para mostrar ao senador, mas acaba se distraíndo e a esposa do político queima a prova principal; quando Edu foge da prisão com Vera de refém, não houve um policial designado para persegui-los. Diante de tantos exemplos reproduzindo uma gestão estratégica limitada e ineficiente por parte da força-tarefa, como não se resignar perante à fraqueza dessa representação da segurança pública? Não é à toa, portanto, que a intervenção da polícia

¹⁴ O policial Nelson, repetidas vezes faz piada com os argumentos de Vera ou presume-os como algo insano, sem fundamento, apesar de estar longe de seu conhecimento. Outra policial também desdenha das observações de Vera.

¹⁵ A força policial encontra o celular de uma das vítimas no apartamento do filho do senador, onde ficou comprovado que o político passou a noite com ela; o ex-noivo de outra vítima encontra o isqueiro de Edu, futuro suplente do senador, no local onde ela fora raptada; e Ivan, um dos funcionários do senador, cai do terraço de um prédio durante um coquetel, onde ele e Edu discutiram sozinhos momentos antes da queda, e ninguém desconfia ou decide investigar se era mesmo caso de suicídio.

norte-americana tenha sido conduzida como um sopro de alívio. Ao retirarem Edu dos tribunais brasileiros e reforçar o absurdo de considerar a pena de morte¹⁶ como uma lei válida, a série anula o último resquício de crença no sistema brasileiro.

A relação do senador Otto Veiga com Edu também carrega efeitos destrutivos. De início, há um detalhe na narrativa que deveria ter sido revisado antes das filmagens, pois inviabiliza a sua estrutura dramática. Assim que Edu fosse cogitado para ser seu suplente, seu histórico de vida seria varrido minuciosamente. Com isso, não seria nada difícil descobrir que ele morou na Flórida e que era procurado pelo FBI (mesmo que pelo seu outro nome, Brian¹⁷). Afinal, espera-se que um senador da república tenha uma equipe de alta confiança, sendo perfeitamente razoável e lógico esperar que qualquer candidato a uma vaga de suplente, seja um membro de inteira confiança do senador ou do partido. Principalmente tratando-se de um político envolvido em inúmeros esquemas ilegais e corrupção e que deveria ter um mínimo de inteligência. Porém, não é o que a série parece querer retratar. No mesmo dia que Edu apresentou seu plano de combate ao estupro e ganhou a atenção do senador, à noite, o mesmo se virou para ele e lhe disse que o considerava um filho. Afora as emoções individuais de um homem solitário, as quais não estão em análise aqui, é a partir desse alicerce emocional que certos eventos implausíveis ocorrem para reforçar a corrosão da imagem da classe política.

O próprio apontamento de Edu como suplente, quando o senador percebe a sua candidatura em ruína, pode ser indicado como uma decisão tola¹⁸. Mesmo que não haja nada que o impeça de confiar e apostar na capacidade profissional do jovem, que figura pública continua se associando a uma pessoa cujas provas apontam concretamente para seu envolvimento em atos criminosos? Em uma cena, o senador relembra a Dias que eles são amigos há dez anos e que sua posição de secretário de segurança se devia a ele. Então, quando Dias lhe mostra o pedaço do taco de beisebol com sangue e faz um apelo para que o amigo desligue seu nome dessa relação, por que ele segue teimando na inocência de Edu? Qual seria o problema em afastá-lo até que o caso fosse resolvido?

¹⁶ Quando a personagem Vera fica sabendo do envolvimento de Edu nos crimes cometidos nos Estados Unidos, ela diz "vale lembrar que na Flórida tem pena de morte". E em outra cena, diz "só lá ele vai conseguir pagar pelos crimes que cometeu, não vai ser aqui".

¹⁷ Quanto a esse detalhe, é possível fazer um questionamento: trata-se de um erro de estrutura dramática ou apenas mais um indicio dessa descrença na capacidade e na competência da classe política? E quanto à investigação policial, quando finalmente tiveram provas concretas de Edu e ele teve o rosto revelado na mídia, ninguém da polícia ou até mesmo entre os jornalistas, teria descoberto essa informação? Ninguém na internet ou amigos nos Estados Unidos?

¹⁸ Em outro momento de tolice, o senador Otto Veiga, desesperado, atira no candidato da oposição, acertando a pasta que ele carregava, contendo o dossiê que o arruinaria politicamente. Depois, ambos os candidatos chegaram a um acordo de não prestar queixas. Por que esse acordo? Não seria a vitória política mais fácil da história?

Uma amizade de uma década, portanto, é incapaz de oferecer uma dose mínima de argúcia para conter os raios corrosivos de Edu ou acordar o senador de seu transe. Em nenhum momento na série, ele e Assis param para raciocinar e juntar as peças do jogo. Pelo contrário, eles agem como loucos, incapazes de perceber suas falhas, considerando toda prova como um ataque pessoal e ameaçando usar a máquina pública em benefício próprio. Como símbolos da velha política e dessa casta de sanguessugas que a série visa destruir, seu final é condizente com a proposta. Em um último ato de tolice, o senador salva Edu de helicóptero e empresta seu sítio em Lagos para que ele pudesse fugir. A mídia acaba descobrindo que três mulheres foram mortas na cidade e, uma vez que Edu usara seu revólver (dado a ele por sua esposa) para matar um policial em um tiroteio, sua carreira estava finalmente arruinada¹⁹.

O sistema jurídico também não saiu incólume da avalanche de incoerências corrosivas. Assim que Edu é capturado em Lagos e levado para a prisão, seu julgamento se inicia no dia seguinte. A evidência disso é que durante a audiência, começam a chegar as notícias de que os corpos das mulheres estavam sendo encontrados, além do policial Nelson ainda estar recebendo as provas dos crimes (entre elas, a arma que Edu atirou no policial). A velocidade com que o tribunal foi formado é totalmente irreal e reforça a descrença na competência do aparelho jurídico; afinal, algo que é feito às pressas tende a apresentar inúmeros defeitos. E eles são amplamente iluminados por uma condução deliberada dos eventos. Quase todos os elementos nas cenas do tribunal parecem ter sido construídos para elevar a potência de Edu perante os demais: não há quase provas contra ele, pois foram ignoradas ou não tiveram a chance de ser incluídas a tempo; ele parece ser o único ser humano racional, calmo e experiente nesse tipo de situação; a presença da filha de Dias, sem que ele saiba, serviu para desmoralizá-lo; e o promotor Silvio e a Vera perdem a compostura e se descontrolam diante dele, parecendo perdidos em meio ao seu espetáculo artificial de defesa. Ao término da audiência, Edu dá um depoimento praticamente decretando a obviedade de sua inocência, algo que nenhum profissional naquela sala fora capaz de anular ou mudar a opinião pública.

Não obstante, talvez as situações mais estarrecedoras sejam as que envolveram a massa de indivíduos incrédulos quanto aos crimes de Edu. De modo geral, com uma

¹⁹ Por conta desses eventos, o senador teve uma reunião com representantes do partido onde ficou decidido que eles iriam retirar a sua candidatura. Em seguida, ele se senta na poltrona e fala que sua vida acabou. Ora, se Edu comete uma série de crimes e quase sai impune, por que apenas uma notícia iria arruiná-lo? No fundo, o senador sabe que se os aparelhos estatais e a opinião pública não estiverem sob os efeitos dos raios corrosivos, eles são implacáveis.

noção completamente apartada da realidade cultural do país, os personagens parecem ter uma enorme dificuldade em acreditar na possibilidade de ele ser um criminoso. Não parece haver um pingo de dúvida na inocência de Edu, ao ponto de surgir uma multidão de pessoas na penitenciária para protestar contra sua prisão. O ex-noivo de uma vítima, inclusive, inicia uma cruzada pela inocência de Edu, empregando seus esforços e dando entrevistas para jornalistas no intuito de criticar e anular o trabalho da polícia. E mais: convicto em sua insana percepção dos fatos, ele cria uma petição *online*, gerando uma imensa turba de adeptos enlouquecidos, ávidos pela soltura imediata de um mero desconhecido. De onde surgiu esse ímpeto para defender e inocentar o único suspeito desses crimes hediondos e com evidências concretas contra ele?

Estes são os efeitos avassaladores do discurso materializado em Edu. Sua ideia precisa ser promovida como uma opinião geral, auto-evidenciada pela naturalidade com que é representada. É por isso que quando a mídia noticia que ele era procurado pelo FBI por quatro crimes cometidos nos Estados Unidos, como num passe de mágica, todos caem em si e ninguém mais ousa inocentá-lo. As informações não mais vinham dos aparelhos a serem corroídos. Por último, até mesmo o fim de Edu carrega potentes mensagens. Na última cena, Ray o vê sendo levado pelos policiais para o aeroporto. Ele olha para ela e abre um excessivo sorriso de satisfação, pois mesmo diante de uma pena de morte, ele sabia que conseguira sobrepujar e corroer os aparelhos estatais, arruinar seus oponentes na esfera político-ideológica, disseminar a sujeição pelo horizonte social e, por tê-la engravidado, plantou uma semente de sua visão política para germinar em seu ventre e garantir a sua reprodução. Sua vitória estava completa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou realizar uma discussão em torno da importância de uma reflexão crítica sobre os produtos da mídia de massa. Através da narrativa dos Shmoos, foi possível vislumbrar como os interesses das classes são antagônicos em sua natureza e como a estratégia da inversão ajuda a iluminar importantes aspectos circunscritos às suas práticas. Foram expostas as dinâmicas que envolvem a interpelação dos indivíduos para uma ordem social específica e a qualificação para os papéis que eles exercem na sociedade, gerando as sanções conhecidas como os mecanismos de sujeição. Com a análise da série *Dupla Identidade* (2014), busquei mostrar como esses elementos foram

construídos e organizados na narrativa, a fim de corroer os aparelhos estatais. Em vista disso, de maneira alguma a exposição dessa reprodução ideológica em uma única obra de ficção seriada poderia indicar uma ampla defesa ou uma legitimação concreta. No entanto, considerando as práticas da mídia e o modelo econômico que a engendra, o artigo pode funcionar como uma contribuição válida para a percepção dessas ideias no campo da ficção seriada e sua disseminação pelas camadas do horizonte social.

Cabe lembrar que a propaganda que visa aniquilar as políticas públicas que se assemelhem aos Shmoos nem sempre adquirem uma forma concreta. Geralmente, elas parecem óbvias e simples, surgindo de pequenas deturpações da realidade social ou de repetições imagéticas que buscam constantemente auto-evidenciar e naturalizar a sua presença na sociedade. Na arena político-ideológica, a crítica à atividade estatal é de extrema importância, quando conduzida de maneira sóbria, para que seja possível a ampliação do bem-estar social e a redução das desigualdades. Portanto, é preciso ter em mente que as ideias que promovem a corrosão de suas instituições, longe de querer melhorá-las, costumam carregar interesses antagônicos aos das classes dominadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPP, Al. **Li'L Abner**. Princeton, WI: Kitchen Sink Press, 1992.

COHN, Gabriel. **Sociologia da comunicação: teoria e ideologia**. São Paulo: Fronteira, 1973.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HARVEY, David. **A brief history of Neoliberalism**. New York, NY: Oxford University Press Inc., 2007.

PAXSON, Peyton. **Mass communication and media studies: an introduction**. New York, NY: The Continuum International Publishing Group Inc., 2010.

THERBORN, Göran. **The ideology of power and the power of ideology**. Great Britain: Verso Editions, 1980.

TUROW, Joseph. **Media today: mass communication in a converging world**. New York, NY: Routledge, 2020.

WRIGHT, Erik Olin. **Class counts**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

_____. **How to be an anticapitalist in the twenty-first century**. London; Brooklyn, NY: Verso, 2019.